

APRENDIZAGENS EM LÍNGUA INGLESA: ESTRATÉGIAS E AUTONOMIA

LEARNING ENGLISH LANGUAGE: STRATEGIES AND AUTONOMY

Chaiany Nazário Simas¹
Leda Regina de Jesus Couto²
Jamily Vasconcelos Caribe Souza³

Resumo: Esse trabalho busca investigar quais são os fatores responsáveis pelo sucesso de aprendizes fluentes e como esses fatores podem ajudar outros aprendizes. Além disso, alguns outros pontos serão considerados neste trabalho: averiguar como as estratégias influenciam no aprendizado de LI; investigar os principais elementos que influenciam a aprendizagem da Língua Inglesa; e discutir o papel da autonomia neste processo. Pesquisar essa temática abarca inquietações sobre o sucesso e insucesso de muitos indivíduos no aprendizado de LI. Nesta pesquisa de caráter qualitativo, foram feitas entrevistas com cinco pessoas que aprenderam inglês de forma autônoma. Nos resultados, constatou-se que o ensino e aprendizagem de LI, de fato, requer dedicação e que, através de mecanismos e estratégias adequados, a aprendizagem pode ser bem sucedida e prazerosa.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Autonomia. Estratégias de aprendizagem. Sucesso.

Abstract: This paper aims to investigate which factors are responsible for successful fluency on English language learners and how those factors can help other learners in their learning process as well. In addition, some other aspects will be analyzed in this study: investigate how strategies influence the learning of English; investigate main elements which influence English language learning; and discuss the role of autonomy in the learning process. Researching these issues involves concerns about students' success and failure in learning English language. In this qualitative research, we interviewed five people who studied English autonomously. In the results, it was found that English teaching and learning requires dedication, and adequate mechanisms and strategies in order to be successful and have a pleasant and efficient learning.

Keywords: English Language. Autonomy. Learning strategies. Success.

Considerações iniciais

Atualmente, o aprendizado de línguas, em especial o de Língua Inglesa (LI), é visto como primordial diante de um mundo cada vez mais globalizado e capitalista, que demanda indivíduos capacitados e motivados a novos conhecimentos. A LI está presente em todos os lugares,

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

² Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Portugal). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

³ Doutora em Educação pela Universidade de Aveiro, Portugal. Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

conectando o mundo. Ela é a língua internacional, a língua dos estudos, das viagens, dos negócios. É notável a procura dos aprendizes pela tão almejada proficiência, pois, saber se comunicar nessa língua já representa um diferencial no mercado de trabalho e pode fazer a diferença na vida profissional de um indivíduo. Além disso, a globalização facilitou e tornou mais necessária a comunicação de diferentes pessoas e línguas, com a LI como a língua de conexão e interação internacional.

O grau de sucesso atingido pelo aprendiz depende de muitos fatores que podem influenciar no aprendizado de forma positiva ou negativa, como motivação, ansiedade e, também, as estratégias de aprendizagem utilizadas por esses indivíduos. Estas últimas refletem o comportamento que um indivíduo utiliza para facilitar a sua aprendizagem. Essas estratégias podem ser ferramentas indispensáveis para o sucesso da aprendizagem, resultando, muitas vezes, num aprendiz fluente, motivado e autônomo.

Podemos dizer que um indivíduo é autônomo quando ele se torna responsável pelo seu aprendizado e constrói o seu próprio conhecimento. Um aprendiz autônomo geralmente é bem-sucedido, graças às diferentes formas de aprendizado que ele se condiciona, em busca daquilo que mais gosta, isto é, busca aprimorar suas habilidades com ferramentas condizentes com seus interesses.

É notório o contraste entre a facilidade de algumas pessoas em aprender a LI e as dificuldades com que outros se deparam. Percebendo-se esse paradoxo, fazemos o seguinte questionamento: O que dizem as pessoas que tiveram sucesso na aprendizagem da Língua Inglesa sobre os fatores que contribuíram para uma aprendizagem rápida e eficiente?

Observando a importância do uso de tais estratégias e da autonomia no aprendizado de LI, esse trabalho visou averiguar como as estratégias de aprendizagem foram adquiridas e como elas são utilizadas por aprendizes de Língua Inglesa. Para alcançar esse objetivo, constituem-se os seguintes quesitos específicos: a) Discutir o papel da autonomia na aprendizagem de Língua Inglesa; b) Entrevistar pessoas que aprenderam a Língua Inglesa com eficiência e acuidade sobre os fatores que contribuíram para o seu sucesso; c) Investigar os principais elementos que influenciam a aprendizagem da Língua Inglesa; d) Estabelecer relações entre estratégias de aprendizagem e o desempenho dos entrevistados.

Assim, esta pesquisa permitirá entender melhor a que estudantes de LI atribuem o seu sucesso na aprendizagem. Neste estudo, foram realizadas entrevistas, numa abordagem de cunho qualitativo, com as quais se visou identificar quais os fatores que influenciam positivamente no aprendizado de línguas.

A importância dos métodos e abordagens na aprendizagem da Língua Inglesa

O ensino e aprendizagem de LE é um processo complexo e o seu resultado vai muito além do uso de um “bom” método ou abordagem. Todavia, não podemos minimizar a importância dos métodos de ensino, porque estes podem contribuir para uma aprendizagem mais eficiente e organizada. Os primeiros métodos e abordagens surgem em contextos históricos pautados em teorias mais mecanicistas e de inserção de uma cultura para supressão de outra, pois faziam parte de um contexto de imperialismo e colonialismo. Os mais conhecidos dentre os métodos mais tradicionais estavam a Gramática e Tradução, Método Direto e Método Audiolingual. Essas formas de ensinar língua tinham em comum o fato de serem mais centradas no professor.

Destaca-se aqui o método audiolingual por ter sido citado pelos sujeitos desta pesquisa. Este método foi tão bem-sucedido que dominou o ensino de LEs durante décadas, sendo usado até hoje em alguns cursos de inglês, pois sua fundamentação teórica teve suporte científico da psicologia comportamental e da linguística estrutural. Essa teoria tem a ver com o que é proposto por Skinner (1971) em sua versão do behaviorismo, na qual o ser humano, assim como os animais, aprende através de um mecanismo de estímulos, de respostas e reforçamento.

Diferentemente do método gramática tradução, o professor precisa ser proficiente, pois é imprescindível que ele tenha uma boa pronúncia para evitar equívocos na hora das repetições e de futuras correções. Em cada aula um novo vocabulário e padrões estruturais são apresentados através de diálogos e repetições de frases relacionadas com o cotidiano, a cultura e o estilo de vida dos falantes da língua inglesa. Frases estas que precisam ser repetidas fielmente pelo aluno, caso isso não aconteça, a correção é feita automaticamente pelo professor ou, caso o aluno acerte, o professor reage positivamente.

Além do mais, a cultura é trabalhada de forma contextualizada por meio de vídeos ou textos. Além dos vídeos e repetições, são utilizados também os *drills*, que são exercícios de uso das estruturas gramaticais e vocabulário por meio de memorização, repetição e exercícios de transformação e substituição. Este método exige uma maior participação e interação em sala de aula, seja aluno-professor, professor-aluno ou aluno-aluno, pois há momentos em que o aluno precisa responder perguntas e também fazê-las a seus colegas.

Esta metodologia, por muito tempo, foi bem vista por muitos estudiosos, mas, por não conseguir realizar seu objetivo principal que é tornar um estudante capaz de se comunicar com nível semelhante ao de um falante nativo, começou a ser criticada, tendo em vista que o sucesso deste método não se deve só a ele próprio, mas do contexto que motiva o aprendiz. Outra queixa

também é sobre o excesso de exercícios de fixação, o que acaba sendo maçante para o aluno, e os diálogos utilizados em sala de sala que não se aplicam à realidade.

Com a evolução, ao passar por metodologias mais humanistas como *Silent Way* e *Suggestopedia* surgiu a preocupação em focar em um ensino que não fosse mecânico, como no passado, e começou a se pensar numa pedagogia mais preocupada com o aluno, as limitações econômicas, questões culturais e afetividade. A preocupação cultural se eleva para uma necessidade de uma discussão intercultural crítica que vise ajudar os estudantes a desenvolverem não apenas competências comunicativas, mas também, uma globalização de conhecimentos e atitudes para que o cidadão interaja com indivíduos que são culturalmente diferentes, e aprendam a valorizar sua cultura e a respeitar a cultura do outro.

A partir destas necessidades no ensino de línguas surgem abordagens como: Abordagem Comunicativa, Abordagem Humanista e Abordagem Lexical. A que obteve mais sucesso e é utilizada até os dias atuais em escolas e cursos é a Abordagem Comunicativa que se utiliza de situações reais e comuns ao cotidiano do aluno como, por exemplo, ir ao supermercado ou uma conversa entre amigos, para contextualizar o aprendizado, uma vez que é concebida através da interação social. A partir dessa abordagem surge a Abordagem Intercultural Comunicativa que visa a aceitação e interação entre a cultura materna e das línguas estudadas.

Para desenvolver um bom trabalho em sala de aula, o professor precisa entender como se deu esse desenvolvimento dos métodos e abordagens para fazer escolhas adequadas em suas aulas. Contudo, Oliveira (2014) destaca o fato de muitos professores de LI não lançarem mão de teorias ou fazer pouco uso em sua prática em sala de aula. Alguns professores de línguas com muitos anos de prática de ensino e muitas turmas tendem a abrir mão dos princípios teóricos que fazem parte tanto do planejamento quanto da prática em sala de aula, e outros parecem desconhecer o real significado do que vem a serem métodos e abordagens de ensino, por isso, não os utilizam de forma consciente. A falta do uso de teorias é algo negativo, pois, assim, o professor toma decisões didáticas sem nenhum tipo de embasamento teórico que justifique o que ele faz ou deixa de fazer em sala de aula.

Por outro lado, a autora também aponta que muitos professores têm conhecimento sobre teorias de aprendizagem e dizem utilizá-las em sala de aula, mas, na verdade, não as empregam e quando as fazem acabam utilizando-as de forma totalmente errada, não aplicando seus princípios básicos. A inconsistência entre o que o professor faz e os princípios teóricos que ele diz seguir acaba causando equívocos a respeito do conceito e uso dos métodos. Dessa forma, é necessário que professores de línguas construam conhecimentos teóricos que possam embasar a sua didática, tornando a sua aula mais interessante e proveitosa.

Para Richards (2000), quanto mais os professores desenvolvem suas habilidades, seus conhecimentos e se tornam conscientes, mais eles desenvolvem a sua práxis e passam para um nível maior de reflexão crítica, tornando-se capazes de exercer a sua própria auto avaliação. Deste modo, quanto mais o docente se torna consciente e constrói conhecimentos teóricos, desenvolve e aprimora, ainda mais, a sua prática fora e dentro da sala de aula.

Richards (2000) e Oliveira (2014) acreditam que não há um método perfeito que se aplique a todos os aprendizes ou contextos, que funcione igualmente, pois o professor deve escolher o método que mais se adequa para as suas aulas. O aluno também precisa ter a percepção crítica para escolher o que melhor se adequa à sua forma de aprender. A escolha de um método vai muito além de ele ser classificado como melhor ou perfeito, uma vez que este vai variar de acordo com a necessidade do aprendiz e o seu contexto.

Argumenta-se que há professores de inglês que alegam não fazer uso de nenhum método, ou que utilizam mais de um ou mesmo que seguem princípios da abordagem comunicativa. Thornbury (2009) afirma que o conceito de um único método já não faz mais parte da prática dos docentes. Atualmente, muitos docentes utilizam mais de um método e não apenas um, como muitos faziam no passado, devido ao fato dos métodos não resolverem todos os problemas de ensino da LI.

Atualmente, existem vários métodos, o que, devido a esta grande demanda, gera dúvidas nos docentes sobre qual seria o melhor a ser aplicado. Por muito tempo, muitos teóricos defendiam a busca por um método perfeito que resolvesse todos os problemas relacionados ao ensino e aprendizagem de línguas, o que causou certo descrédito com os métodos a partir do momento que estes não conseguiam suprir todas as necessidades de todos os aprendizes, fazendo com que muitos teóricos problematizem o conceito de método, inclusive defendendo a sua morte. Ao realizar uma pesquisa, no final do século XX, Liu (2004) concluiu que os professores de línguas ainda fazem uso dos métodos e, portanto, eles não morreram.

Não houve a morte dos métodos, mas houve a mudança da maneira de pensar sobre eles e sobre o seu uso. Logo, conclui-se que a era pós-método não significa o fim dos métodos, mas que o conceito de método está sendo questionado e problematizado de outra forma. Com isto, emergiu o conceito de ecletismo, que trouxe essa nova forma de pensar em métodos e ensino de línguas, abrindo novas possibilidades de flexibilidade metodológica, a qual pode ser mais coerente com a realidade do aluno, diferentemente dos outros métodos já prontos que desconsideravam tais aspectos, conforme Vilaça (2008).

É imprescindível que o professor tenha conhecimento sobre os métodos para poder refletir criticamente sobre o seu uso e decidir sobre qual seguir, e/ou até mesmo criar o seu

próprio método de acordo com o contexto de aprendizagem em que professor e aluno estão inseridos. Contudo, não apenas o professor, o aluno será mais bem sucedido se compreender quais métodos e estratégias podem ajudá-lo a aprender com mais eficácia.

Fatores que contribuem e/ou interferem no aprendizado de uma língua estrangeira

Quando nos propomos a aprender uma nova língua nos deparamos com muitos desafios que podem atrapalhar esse processo. Ao tratar de um contexto de escola pública nos deparamos com inúmeros problemas, como o despreparo dos professores em lidar com salas heterogêneas, alunos com idades e níveis diferentes. Muitos professores não dominam a língua e acabam dando ênfase exagerada à parte gramatical. Assim, os alunos ficam desestimulados a assistir uma aula tida como maçante e cansativa. Em escolas particulares serão encontrados outros problemas, como o déficit quando nos referimos ao desenvolvimento da competência comunicativa.

A ansiedade, a insegurança, a pressão ou mesmo cansaço podem não só dificultar, assim como impedir a aprendizagem de um indivíduo. O professor também precisa ser proficiente para que seja desenvolvida uma boa pronúncia, pois é imprescindível que ele desperte no aluno autoconfiança e interesse que o estimule a se tornar um aluno autônomo, pois o seu conhecimento não pode ficar limitado apenas à sala de aula e ao professor. O aluno deve estar em um ambiente de aprendizado, seja a sala de aula ou não, que propicie um bom desenvolvimento cognitivo e que o aprendiz se sinta confortável e socializado.

Para Almeida Filho (2010), pode ocorrer que o aluno não se familiarize e não se adeque à didática de ensino do professor ou mesmo da escola ou livro. Muitos alunos acabam ficando desmotivados porque não se identificam com a abordagem de ensino introduzida, seja pela escola ou professor, e acabam fadados ao fracasso e ao desânimo e, conseqüentemente, criam uma resistência com a língua.

Língua Inglesa e as estratégias de aprendizagem

As estratégias de aprendizagem é um dos fatores que têm grande influência no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira (LE), uma vez que auxiliam os aprendizes na memorização de vocabulário e nas estruturas linguísticas, facilitam o aprendizado e ajudam o estudante a se tornar bem-sucedido e autônomo. As estratégias geralmente são utilizadas de forma consciente pelos aprendizes. Segundo Oxford (1990) aprendizes bem-sucedidos na aprendizagem de línguas fazem maior e melhor uso das estratégias de aprendizagem. Mesmo que

muitos	aprendizes	pouco
--------	------------	-------

saibam sobre estratégias e suas terminologias, estas podem ser vistas em materiais, exercícios e práticas variadas.

Foi a partir da década de 70 que pesquisadores da área de ensino e aprendizagem de LE começaram a se preocupar não só com o método de ensino a ser utilizado, mas também voltaram seus estudos a fim de identificar quais são os artifícios que os aprendizes mais utilizam e também como se comportam durante o processo de aprendizado. Não apenas na aprendizagem da língua,

o conhecimento sobre o que são as estratégias e como usá-las adequada e efetivamente parece também ser crucial na formação crítica do professor de línguas. Podemos considerar o tópico estratégias como tendo objetivo duplo, pois as estratégias podem ser empregadas para aperfeiçoar tanto a aprendizagem do ensino, como para aprimorar o processo per se (ALMEIDA e BRAVERMAN-ALBINI, 2019, p. 180)

Assim como cada indivíduo é um ser único, a forma de aprendizado ou estratégia também difere um dos outros. Uma estratégia pode ser boa para um aluno e para o outro pode não ser a melhor, cabe a cada aprendiz procurar se conhecer para escolher a estratégia mais adequada para o momento, pois um aprendiz pode fazer uso de várias estratégias ao longo do seu aprendizado de acordo com a fase da aprendizagem e objetivos.

No modelo de Oxford (1990), classifica-se as estratégias em seis categorias: de memória, cognitiva, compensação, afetiva, social e metacognitiva. Ela as organiza em dois grupos principais: estratégias diretas e indiretas. Esta última organização tem relação com o contato que ela exerce na aprendizagem e uso da língua. Por exemplo, as diretas tem contato direto com a língua alvo por meio de conteúdos, atividades, tarefas e situações específicas de ensino e aprendizagem ou uso linguístico.

Já as estratégias indiretas, ao contrário, não possuem contato direto com a língua alvo. Assim, o papel destas é proporcionar ferramentas para o gerenciamento e reflexão do processo de aprendizagem. Essas estratégias indiretas de Oxford correspondem às metacognitivas de O'Malley e Chamot. Neste trabalho, adotaremos o modelo proposto por O'Malley e Chamot (1990), os quais dividem as mesmas em três categorias: metacognitivas, cognitivas e socioafetivas.

As estratégias metacognitivas são responsáveis pelo monitoramento dos processos envolvidos na aprendizagem, quando o estudante é consciente e reflete sobre os processos que envolvem o seu aprendizado. Um dos objetivos desta estratégia é prospectar possíveis problemas e planejar possíveis soluções. Apesar desta não estar diretamente ligada ao uso de conteúdos específicos, como as outras estratégias, contudo, possui a mesma importância, pois a partir desta, o aluno pode desenvolver um alto nível de autonomia e de consciência sobre o seu próprio

aprendizado, sendo que estes dois fatores são de importância crucial para se alcançar a fluência na língua alvo.

As estratégias cognitivas se referem ao emprego de tarefas específicas de aprendizagem, envolvendo a manipulação direta do conteúdo em estudo, a realização de uma tarefa pedagógica ou uma atividade comunicativa. Seus objetivos são possibilitar o aprendizado e gerenciamento dos conhecimentos linguísticos.

E, por último, as estratégias socioafetivas têm relação com os aspectos afetivos e comportamentos sociais do aprendiz. O estudante, ao fazer uso desta estratégia, pode controlar as suas emoções bem como o seu comportamento social.

No tocante aos aspectos afetivos e ao uso das estratégias afetivas, o aprendiz poderá controlar a sua autoestima, ansiedade, pressão de grupo, entre outros aspectos que, se não controlados, podem contribuir para o seu insucesso. Para Vilaça (2011, p. 48), “[e]m termos gerais, elas representam um pensar sobre a aprendizagem de forma a possibilitar a tomada de decisões que visam possibilitar uma aprendizagem mais consciente, responsável e bem-sucedida”. Em relação ao aspecto de ordem social, é de suma importância que haja interação social no processo de aprendizagem de línguas.

O papel da autonomia no aprendizado da Língua Inglesa

A autonomia é uma característica a ser pontuada em aprendizes bem-sucedidos no processo de aprendizagem de línguas. A autonomia ocorre quando o aprendiz deixa de ser espectador de seu aprendizado e passa a atuar e buscar meios que ajudem ou facilitem o seu próprio aprendizado.

Freire (2019) define autonomia como a liberdade do aprendiz de construir seu próprio conhecimento, sendo que, neste processo, o docente não perderá a sua importância, já que este tem o papel de criar condições para que o educando desenvolva a sua criticidade, refletindo sobre o seu aprendizado, assim o aprendiz assume o controle do seu próprio aprendizado, tornando esse processo mais eficaz e estimulante. No contexto de sala de aula, professor e aprendiz devem trabalhar juntos, haja vista que ambos se complementam.

De acordo com Dickinson (1994), um aprendiz autônomo toma decisões a respeito dos objetivos a serem alcançados, sobre as estratégias a serem adotadas e os materiais a serem utilizados. Este, também, organiza seu estudo, revisa textos e lições, itens lexicais, pronúncias. Deste modo, o estudante, ao se avaliar, irá buscar meios para desenvolver ou otimizar o seu aprendizado.

Pode ocorrer que, mesmo que o aprendiz seja autônomo, esteja suscetível a tomar decisões erradas, como se dedicar a atividades inúteis ou até mesmo utilizar as estratégias de forma errônea, e, assim, prejudicar ou atrasar o seu aprendizado. Lima (2010) defende que um aprendiz autônomo nem sempre alcançará o sucesso. Tanto o aluno quanto o professor devem estar cientes de seus papéis, pois um depende do outro neste processo.

O autodidatismo é o extremo da autonomia, uma vez que muitos aprendizes não são despertados nem incentivados pelos professores a desenvolver a autonomia. A autonomia é uma característica pessoal, mas isto não quer dizer que não possa ser desenvolvida ou estimulada.

A importância da motivação no processo de aprendizado da LI

A motivação é a variável afetiva mais importante no processo de aprendizagem de um indivíduo, uma vez que esta, juntamente com outros fatores, vai ser responsável pelo sucesso ou insucesso do aprendiz. Mesmo que o aprendiz usufrua de bons métodos, materiais didáticos, técnicas de ensino ou até mesmo abordagens, se ele não estiver estimulado e não tiver vontade de aprender, há uma enorme probabilidade de fracassar. Caso o indivíduo não tenha desejo de aprender a língua, dificilmente alcançará o aprendizado, já que o desejo em realizar algo nos impulsiona a buscar caminhos para o sucesso.

O estudante precisa dar um motivo e um foco à sua aprendizagem, já que ninguém aprende apenas por aprender, o aprendizado pode até ocorrer, mas não será suficiente para que ocorra a proficiência desejada. A motivação é particular e o aluno precisa saber o porquê e o para quê aprender, pois, caso não saiba, será apenas mais um aluno desmotivado em sala de aula que vai para a escola apenas por obrigação.

A motivação pode ocorrer por meio de fatores internos e externos. A primeira é íntima e faz com que o aprendiz busque uma meta para a sua realização pessoal. A segunda pode ser causada por necessidades exteriores, ou seja, quando um indivíduo desenvolve o desejo ou a necessidade de tornar-se bem sucedido seja financeiramente ou profissionalmente. Estes dois tipos de motivação são trabalhadas em conjunto e, por isso, muitas vezes podem ser confundidas, sendo que uma complementa a outra.

Em contexto formal o docente pode viabilizar o aumento da motivação interna nos discentes usando técnicas que os encorajem na árdua tarefa de aprender. Segundo Stipek (2002), a motivação em sala de aula é estimulada quando as tarefas são diversificadas, autênticas, desafiadoras, apresentam conteúdos que estão no cotidiano e que sejam relevantes para o aluno.

O papel do professor também é incentivar os aprendizes a fazer com que as aulas sejam relevantes para eles, criar um ambiente e uma metodologia que sejam propícios e que atendam às

necessidades dos alunos, agir de forma que encoraje tanto os alunos motivados quanto os desmotivados. Quando isto não ocorre, muitos aprendizes acabam desmotivados, não se identificando ou até mesmo começando a desprezar a língua. Outros possíveis fatores desmotivantes para o aluno seriam a falta de proficiência do professor, o ensino formal e repetitivo, as experiências negativas com a língua, dificuldades de aprendizado no ensino formal. Enfim, o papel do professor é crucial nesse processo, assim como o do aluno.

Fatores que influenciam o uso de estratégias de aprendizagem

A estratégia pode variar de acordo com o nível em que o aprendiz está e, também, com a habilidade a ser desenvolvida. Com o passar do tempo, o aprendiz ao fazer uso constante das estratégias vai criando e desenvolvendo ainda mais, pois, com a maturidade e o uso, este já sabe o que funciona ou não, de modo que consiga aperfeiçoar ainda mais a utilização das estratégias. Do mesmo modo, estas podem variar de acordo com as exigências de tarefas, por exemplo, se a tarefa é fácil ou difícil e, assim, se esta irá requerer uma estratégia mais elaborada ou não.

É notório que aprender uma língua estrangeira não é uma tarefa fácil. Percebemos estes discursos, principalmente, em sala de aula, quando ouvimos os relatos dos alunos sobre a língua ser difícil. Assim, é comum muitos repetirem que não sabem nada e outros acreditarem que nunca irão aprender, já que, em sua concepção, esta é uma língua inalcançável.

O ensino e aprendizagem de LI oferecem muitos desafios aos professores e alunos, dificuldades que podem ser superados desde que os discentes e docentes abandonem o pensamento antigo no qual se vê o professor como o detentor do conhecimento e o aluno como mero receptor. Hoje, está mais do que provado que o aluno é capaz de gerir e otimizar o seu próprio conhecimento, podendo, assim, todo indivíduo se tornar autônomo desde que seja estimulado (FREIRE, 2019). Ao se tornar autônomo o estudante começa a utilizar meios para desenvolver o seu aprendizado, um destes meios são as estratégias de aprendizagem que vão ajudar a desenvolver e acelerar o processo de aprender.

Cada indivíduo tem um estilo próprio de aprendizagem, então o uso das estratégias pode mudar de pessoa para pessoa. Não só a forma de memorizar, a metodologia, o curso, o professor e os recursos didáticos, como também as estratégias podem variar. Há vários tipos de estratégias de aprendizagem e, ao longo do tempo, o aluno pode e deve diversificá-las de acordo com a sua necessidade ou o seu foco.

É a partir da motivação que são dados os primeiros passos em busca do aprendizado de línguas, uma vez que, a partir desta, o estudante vai procurar meios tanto para desenvolver quanto otimizar o seu aprendizado. Assim, um indivíduo desmotivado dificilmente irá mover

esforços para monitorar o seu aprendizado e, conseqüentemente, pouco ou nada fará uso das estratégias, já que estes elementos estão intrinsecamente ligados, por isso é possível que este não alcance o sucesso.

As experiências com a aprendizagem de inglês: estratégias e autonomia

Essa pesquisa contou uma população de 10 (dez) sujeitos, os quais foram selecionados seguindo o pressuposto de que eles deveriam ser fluentes em Língua Inglesa. Os indivíduos entrevistados foram classificados como fluentes de acordo com a avaliação e análise de dois professores do curso de Letras Inglês da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus V, e também pelas autoras deste trabalho. Inicialmente, buscou-se em cursos de graduação em Língua Inglesa e em cursos de idiomas. Em seguida, avaliou-se aqueles sujeitos que mais se encaixassem dentro dos objetivos desta pesquisa, constituindo-se uma amostra de 05 (cinco) sujeitos.

Perfil dos entrevistados

Os sujeitos da pesquisa têm entre 16 (dezesseis) e 30 (trinta) anos de idade, sendo 04 (quatro) mulheres e 01 (um) homem. Possuem as seguintes profissões: estudante do ensino médio, estudante universitário, engenheira, psicóloga e professora universitária. Dentre os entrevistados, 03 (três) fizeram programa de intercâmbio e um fez viagem internacional de curto período.

Através das entrevistas foi possível verificar quais estratégias de aprendizagem os entrevistados mais utilizam servindo de inspiração para as pessoas que desejam ter sucesso no aprendizado de L I. Salienta-se que os participantes da pesquisa receberam nomes fictícios, com o intuito de manter o sigilo quanto às informações aqui apresentadas. Eles possuem as seguintes características:

Quadro 5 – Características dos entrevistados

Nome	Características
Marcos	Sexo masculino. Solteiro. 25 anos. Não estudou outra língua estrangeira. Graduando em Letras com inglês. 2 semestres de LI em um curso livre.
Paula	Sexo feminino. Solteira. 23 anos. Estuda francês. Graduanda em engenharia. Iniciou o seu interesse pela LI quando criança ao acompanhar seu pai em um curso livre de inglês, a partir daí começou a se apaixonar e estudar línguas. Fez intercâmbio. Estudou espanhol e, atualmente, faz aulas de francês.
Ana	Sexo feminino. Solteira. 16 anos. Tem o nível básico da língua francesa. Despertou o seu interesse pela LI aos 6 anos quando ao assistir os desenhos do Disney Chanel. Estudou a LI durante 4 anos e meio em curso livre de inglês.

Maria	Sexo feminino. Solteira. 30 anos. Estudou a língua espanhola. Psicóloga e professora de inglês em um curso livre de idiomas. Fez intercâmbio durante 2 anos. Começou a estudar LI quando criança, mas não gostava e achava que não tinha aptidão, depois de adulta precisou estudar a língua e se aperfeiçoar. Fala espanhol e atualmente estuda francês.
Diana	Sexo feminino. Casada. 29 anos. Professora de inglês em uma universidade da cidade. Fez 2 intercâmbios. Iniciou os seus estudos na LI quando criança. Não fala outra língua estrangeira além da LI.

Fonte: Pesquisa elaborada pelas autoras (2016)

Trajetória de aprendizado na língua

Nesse tópico será analisada a forma como os entrevistados aprenderam a LI. Assim, serão considerados os seguintes aspectos: (a) início do aprendizado e principais experiências nesse período; (b) idade de início do aprendizado; (c) tempo de aprendizado; e (d) concepção de competência (se considera um bom aluno ou não).

No que se refere ao início do aprendizado, observa-se que a maioria começou o seu aprendizado quando criança, entre 6 e 10 anos. Os aprendizes entrevistados, desde muito cedo, começaram a ter contato com a LI. Alguns dos entrevistados relataram ter buscado o aprendizado de LI por curiosidade. Isso é muito importante tendo em vista que a curiosidade é um bom estímulo às pessoas para buscarem novos conhecimentos, ainda mais que a LI tem um grande poder de encantar e causar curiosidade, o que normalmente acontece através de desenhos, músicas, filmes, seriados. Isso condiz com o que Paula apontou:

Eu sempre tive curiosidade e ficava perguntando assim o significado das palavras, aí eu pedi a meu pai que já fazia curso de inglês, me deu vontade de fazer curso também.

Observa-se que o apoio e influência familiar são elementos importantes na vida de um aprendiz, pois este se sente estimulado e, muitas vezes, impulsionado a realizar algo, neste caso o aprendizado. De acordo com Mota (2010), a convivência e exemplo familiar contagiam os aprendizes o que pode levá-los ao encantamento e à vontade de seguir o mesmo caminho. Assim, podemos afirmar que a iniciação de Paula com a Língua Inglesa se deu aos 8 anos ao ver seu pai frequentar um curso de inglês.

Além disso, outros entrevistados assinalaram que começaram o aprendizado de LI por imposição dos pais, os quais enxergavam a língua como algo que poderia ser proveitoso para eles futuramente. O apoio dos pais, muitas vezes, é muito importante, pois nem sempre o aprendiz tem a maturidade, nem noção da importância e motivação para o aprendizado de línguas.

Todavia, há momentos em que isso pode causar desconforto e/ou desmotivação no aprendiz, pois, para aprender qualquer coisa é necessário vontade e motivação.

No caso de Diana, Paula e Maria, as famílias tiveram o papel de estimular a aprendizagem da LI inicialmente. Os pais de Diana e Maria já enxergavam a importância delas aprenderem uma LE, mesmo elas ainda sendo crianças. Com exceção de Maria, as entrevistadas não só gostaram de estudar a língua, como também houve um encantamento pela língua. Já Maria relatou ser obrigada a ir ao curso, não gostar da LI e ter preferência pela língua espanhola, chegando a se frustrar e, em muitos momentos, criar a crença de que nunca iria aprender a LI. De certo modo, ela acabou criando filtros afetivos que a prejudicaram nesse processo, como se observa em sua fala:

[...] eu achava que eu nunca ia aprender na vida [risos]. Eu cheguei a repensar porque eu achava um saco na verdade. Eu achava difícil por ter um vocabulário assim tão diferente né? Depois é que a gente vê que a gramática é muito mais fácil do que a do espanhol, por exemplo, do que as línguas latinas. Mas, assim, no início eu achava bem difícil (MARIA, 2016).

A motivação é uma força que impulsiona qualquer indivíduo a realizar algo, por isso que é tão importante no aprendizado de línguas. É necessário ter interesse pessoal, seja para fazer uma viagem, relacionar-se com falantes de outra língua ou até mesmo pelo prazer em estudar uma LE. Percebe-se isso na fala de Maria, anos depois, quando precisou fazer uma especialização em Londres, precisou da LI, assim, criou motivação para aprender a língua e, mais tarde, se descobriu uma “exímia” (MARIA, 2016) falante de LI, não apenas se tornando uma psicóloga, mas também uma professora de inglês, como discorre:

[...] enquanto eu não tive uma motivação maior, que era fazer uma pós num país de Língua Inglesa, eu não comecei a fazer o curso, até começava, mas fazia um pouquinho, depois parava. Então eu acho que todo mundo... Seja uma viagem, seja um curso em outro país, seja no seu emprego, às vezes, precisa. A pessoa precisa ter uma motivação, se não aquilo não faz muito sentido, então óbvio que vai ser difícil de você aprender (MARIA, 2016).

Muitas vezes, o aluno não sabe o porquê de estar ali estudando algo que julga chato ou desnecessário, neste caso o aprendizado se torna maçante e, muitas vezes, pode nem ocorrer. Podemos constatar esses fatos na fala de Maria (2016):

Eu odiava inglês, não pensava em fazer inglês. Eu comecei a estudar inglês na verdade muito pequena, então eu acho que eu fiquei meio traumatizada, porque eu detestava. [risos] Aí tá, aí eu saí ainda criança, meu pai sempre quis que eu aprendesse outra língua e eu voltei e fiz espanhol, não queria inglês de jeito nenhum! Aí eu formei em espanhol. Mas quando eu terminei a faculdade eu queria fazer uma especialização na minha área

psicologia de família sistêmica e o lugar que era bom, que era forte, era Londres, não era a Espanha, diferente do que eu imaginava e aí por isso eu tive que voltar para aprender inglês.

A história de Marcos com a LI é bem diferente dos demais entrevistados. Ele iniciou seus estudos com a aprendizagem informal, fora do contexto escolar. Desde muito cedo, demonstrava senso de autonomia e desenvolveu seus estudos por si só. Seu interesse, inicialmente, era cantar músicas em inglês e selecionava os recursos didáticos que lhe interessavam, que eram CDs e revistas que continham letras de músicas. Esses aspectos foram importantes para a sua motivação inicialmente. Salientamos que Marcos estudou em escolas públicas durante toda a sua vida.

Após isso, ele começou, então, o seu encantamento pela língua e, anos depois, ingressou no curso de Letras Inglês, onde começou a se dedicar mais à língua. Marcos demonstrou aspectos do autodidatismo, pois gerenciava o seu próprio aprendizado, desenvolvendo suas próprias metodologias, seus recursos didáticos, o que o levou a se tornar fluente em pouco tempo. Ele chegou a frequentar um curso, mas não continuou, pois o nível que estava era mais avançado do que havia se matriculado.

Em muitos momentos da entrevista, Marcos alega não estudar inglês. Foi constatado que o entrevistado não considerava o que ele fazia como estudo propriamente dito, nem formal, nem informal. Segundo o entrevistado, ele não utilizava materiais didáticos, apenas vídeos, músicas, séries, filmes, os quais são chamados de recursos didáticos. Também, Marcos, inicialmente, utilizava muito pouco a gramática e o dicionário. Ele só começou a usar esses materiais didáticos após ingressar na universidade, como é perceptível em sua afirmação:

Bom, eu nunca me dediquei horas alguma para estudar [risos]. Eu nunca dediquei horas algumas para estudar eu sempre peguei algo de inglês assim pra estudar isoladamente, no momento que tava estudando pra outras coisas eu sempre deixei um áudio ligado de alguma... de algum curso. Eh ... vídeos... Quando eu sentava para assistir mas sem tá assim estudando. Então eu nunca me dediquei horas, mas a cada dia estudando um pouco, o que é o mais importante se aprender uma língua. Segundo o meu posicionamento não é o quanto você faz de horas por dia, mas sim a continuidade, a frequência com o que você faz isso. Então, eu sempre, a cada dia, eu ouço algo diferente, quando eu não ouço nada, eu falo, pratico aquilo que eu sei.

O que vemos é que há muitas maneiras de estudar uma LE e não somente da maneira tradicional, com livros, aulas em um curso ou escola. Quando um aprendiz está ouvindo uma música e repetindo a letra ou simplesmente ao estar fazendo uma tradução, também estará estudando a língua. Pode ocorrer um equívoco ao acharmos que o lúdico não é uma forma de

aprendizado, pelo contrário, o lúdico é um forte aliado neste processo, pois o aprendizado acontece, muitas vezes, de forma inconsciente, mas temos a crença de que o aprendizado só acontece se for da forma tradicional dolorosa. Podemos notar a importância destes recursos didáticos também na fala de Ana quando diz “Eu entrei no curso com 14 anos, eu já com uma base, pois assistia muitos filmes, ouvia músicas e etc.”. Para isto, Mota (2010, p. 192) defende que “[...] muitas aprendizagens informais, fora do contexto escolar, tornam-se mais bem sucedidas”.

As experiências que o aprendiz vivencia durante o processo de aprendizagem é de total importância para o seu desenvolvimento, como exemplo temos duas entrevistadas, Maria e Diana, que fizeram um programa de intercâmbio. Esse tipo de experiência pode ser realizada para complementar o aprendizado, pois é uma oportunidade de o aprendiz colocar a língua em uso e, muitas vezes, uma maneira dele vivenciar a língua a todo momento. Maria concorda ao dizer: “[...] Eu morava com uma família inglesa, então, estava o tempo inteiro em contato com a língua”.

Regularidade no estudo de línguas

A regularidade no aprendizado é tão importante quanto os demais fatores, pois o estudo de línguas precisa ser regular. É aconselhável que o aluno tenha contato com a língua todos os dias, mesmo que durante pouco tempo, porque assim ele terá mais chance de se familiarizar, internalizando e se habituando mais facilmente. Assim, foram analisados: a) a intensidade com que os entrevistados estudavam a LI; b) quantos anos os aprendizes estudaram a LI; e c) a rotina de estudos.

Como já mencionado, a intensidade com que um aprendiz estuda a língua pode fazer a diferença na rapidez e eficiência que o aluno irá alcançar a fluência. Quanto mais o aprendiz se dedica, maiores serão suas chances de aprender. Os entrevistados, de forma geral, possuem uma intensidade de estudos de aproximadamente 06 (seis) horas semanais. Todavia, Maria e Diana, as quais hoje são professoras, tinham um regularidade ainda maior, o que variava entre 5 (cinco) e 10 (dez) horas semanais. Observa-se nelas maior intensidade, a qual, nesses dois casos, foi justificada pela necessidade vocacional que elas tinham, isto é, usar o conhecimento de LI como instrumento de ascensão profissional.

É necessário destacar que não há uma quantidade de horas de estudos diários que seja unânime, mas o que se sugere é que os aprendizes estudem um pouco a cada dia. Isso também vai depender da necessidade do aprendiz, o que importa não é se o aprendiz estudar uma ou duas horas diárias, mas sim, que seja mantida a regularidade. Manter uma rotina de estudos é essencial para um aprendizado bem sucedido. Muitos aprendizes mantêm uma rotina diária de estudos e

dedicação, pois, assim como em qualquer outra língua, a LI necessita de estudo e investimento. O que difere entre os aprendizes é a forma como estes vão desenvolver o seu aprendizado, sendo que alguns demoram mais do que outros, o que, muitas vezes, tem a ver com a estratégia, os materiais e recursos didáticos escolhidos.

Materiais e métodos utilizados

A escolha dos materiais e métodos também é importante no ensino e aprendizado da LI. Por isso, nesse tópico, serão avaliados quais os métodos e materiais foram utilizados pelos entrevistados.

Foi observado que, além do livro didático, os entrevistados utilizaram dicionários, músicas, vídeos, séries e documentários. Há uma gama de materiais que podem ser fortes aliados no aprendizado de línguas. Através de músicas, vídeos e documentários o aprendiz pode adquirir novo vocabulário, diferentes sotaques e conhecer dialetos, praticar compreensão oral, aprender sobre expressões idiomáticas, estruturas gramaticais, gírias, culturas, entre outros aspectos. Além disso, barreiras podem ser quebradas tornando a aprendizagem mais prazerosa.

Segundo Krashen (1981), é preciso diminuir o filtro afetivo, deste modo o aluno irá desinibir e, assim, cessar com filtros afetivos que interferem no aprendizado. A música, então, pode desempenhar muito bem esse papel, visto que esta tem o poder de quebrar barreiras, liberar as emoções e tornar o ambiente de aprendizagem mais propício à aprendizagem. Lima (2004, p. 182) também considera a música como uma forte aliada no aprendizado de línguas, “[...] as canções se constituem também em material autêntico no ensino de língua estrangeira.”. Ao analisarmos as falas dos entrevistados, podemos perceber a eficácia desses materiais e os mais diversos recursos utilizados, em seus respectivos aprendizados:

Os livros do próprio curso, músicas, filmes, às vezes, séries, entrevistas, documentários também (ANA, 2016).

Inicialmente livros, livrinhos pequenos, alguns CDs, músicas é claro, com as letras em mãos impressa e atualmente o único material que eu utilizo mesmo é vídeos. Assisto vídeos, não vídeo aula, mas vídeos de pessoas que falam em inglês. Assisto filmes também, séries. Hoje eu já consigo entender a maioria deles. (MARCOS, 2016)

Eu utilizava os livros do CCAA e material à parte, livros e filmes. Quando você gosta do filme e você já assistiu com legenda em português, aí depois você assiste de novo com a legenda em inglês. Música também, música bastante! (PAULA, 2016)

Quando eu fiz aula particular aqui, no Brasil, a professora tinha as próprias apostilas dela de inglês específico. Lá, em Londres, eu tinha um livro que era comprado na própria escola. (MARIA, 2016)

Os materiais do curso, livros, disciplina em curso. (DIANA, 2016)

A metodologia também é um fator importante no processo de ensino e aprendizagem da LI, já que, no ensino formal e informal, se não escolhido da maneira correta, pode retardar o aprendizado de um indivíduo. Todos os entrevistados, em algum momento, fizeram uso do método audiolingual ao longo de sua aprendizagem. Contudo, isso também não quer dizer que, em algum outro momento, eles não tivessem utilizado outras metodologias.

Motivação e foco

A motivação é uma variável afetiva crucial no aprendizado de línguas. Ela determina o comportamento do aprendiz. Se este estiver motivado, irá se mobilizar até que realize os seus objetivos. Caso contrário, este dificilmente estará disposto a realizar as suas metas.

Todos os entrevistados, exceto Maria, sempre foram motivados ao longo de seu aprendizado e, por isso, sempre contornaram dificuldades. Maria, por outro lado, não gostava da LI, demonstrava maior interesse pela língua espanhola, inclusive teve muitas dificuldades quando criança, chegando a pensar que nunca iria aprender. Isto fica notório em seu depoimento:

[...] eu sou uma pessoa que preciso precisar daquilo para fazer bem, então como eu estava precisando diariamente daquilo, eu precisava me comunicar, eu precisava saber como explicar. Então é isso, acho que me motivou a aprender mais rápido.

O recorrente uso do verbo precisar na fala de Maria demonstra que sua motivação veio principalmente da necessidade de fazer algo. A entrevistada apresenta, inicialmente, a motivação instrumental, quando começa a estudar a língua com intuito das perspectivas que a língua proporciona, primeiramente um diferencial e depois uma especialização. Ao fazer intercâmbio, o aprendiz desenvolveu também a motivação integrativa, pois precisa se comunicar, começando a fazer parte de um novo grupo de falantes de LI.

O contato social e psicológico é essencial na aquisição de uma LE, pois, desta forma, o aprendiz tem maior acesso e compreensão sobre os valores e estilo de vida dos falantes da língua alvo. Para Schütz (2014), a motivação sucede quando há a necessidade de realizar algo ou realizar alguma necessidade; quando não há esta necessidade em um aprendiz, ocorre a desmotivação.

A motivação leva à autonomia e esta é uma grande aliada do aprendiz no processo de aprendizagem, pois dá a chance ao aluno de gerenciar o seu próprio aprendizado, o que é uma

característica recorrente em aprendizes bem sucedidos de LI. Além disto, um aprendiz motivado e autônomo faz uso de estratégias de aprendizagem para facilitar e aperfeiçoar o seu aprendizado. Podemos notar tais características nas falas dos entrevistados:

Eu levava coisas em inglês que eu não entendia para os professores... Eu escuto muita música... Eu escuto as pessoas a falar em inglês e fico prestando atenção... Quando eu preciso saber alguma palavra desconhecida eu não só coloco no tradutor como também joga a palavra no Google e tento associar com imagens, procuro uma música que contenha a palavra, porque isso me ajuda a entender melhor... (ANA, 2016).

Eu sempre peguei música para tentar aprender alguma coisa nova ... Então eu sempre ouço algo que eu não sei e pratico o que eu sei ... Eu comecei a baixar letras e cantar como estava na letra... Quando não tô em casa estudando eu falo sozinho pela rua em inglês... Até a oração muitas vezes eu faço em inglês (MARCOS, 2016).

Eu gosto de assistir filme em inglês com legenda em português ai você assiste de novo todo em inglês... Nos filmes eu tentava ver bastante a entonação (PAULA, 2016).

Eu sempre li muito em inglês... Eu ouvia músicas e assistia bastante filme em inglês para treinar a audição... Eu fazia muito exercício e procurava ouvir o máximo de coisas em inglês... Eu sempre fui mais de estudar em aula do que em casa... Eu sempre me concentrei muito nas aulas... Eu procurava tirar tudo o podia das aulas... (MARIA, 2016).

Eu era sempre concentrada diante das aulas... Falo sozinha em inglês o que for trabalhado em sala (DIANA, 2016).

É sabido que para alcançar a fluência é necessário lançar mão de meios que possibilitem este processo. Para O'Malley & Chamot (1990) e Oxford (1990), o uso das estratégias está diretamente ligado à fluência. Verifica-se que quanto mais se faz uso destas e com mais eficiência, mais sucesso tem o aprendiz de línguas. No quadro abaixo, encontram-se as estratégias mais utilizadas pelos aprendizes entrevistados:

Quadro 6 – Estratégias mais frequentes dos aprendizes entrevistados

Atividade	Tipo de estratégia	Quem usou
Escrever frases ou textos a cada novo vocabulário aprendido	Cognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Relacionar palavras novas com imagens	Cognitiva	Ana
Dramatizar as palavras novas em inglês	Cognitiva	Marcos
Estabelecer comparações om o que se sabe e o que se aprende	Cognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Colocar palavras novas em	Cognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.

contexto: ex. formar sentenças		
Falar ou escrever palavras novas	Cognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Conversar em inglês	Cognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Ver programas, séries, documentários em inglês	Cognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Fazer anotações em inglês	Cognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Praticar formalmente sons e ortografia	Cognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Usar pistas linguísticas: cognatos, prefixos	Cognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Pedir ajuda	Cognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Tentar aprender sobre a cultura dos falantes de inglês.	Socioafetivas	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Tenta tirar as dúvidas não se importando em ser corrigido	Socioafetivas	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Cria oportunidades para falar em inglês	Metacognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Tenta descobrir formas para ser um melhor aprendiz de inglês	Metacognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Procura pessoas para conversar em inglês	Metacognitiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Praticar inglês com colegas	Socioafetiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Usar músicas	Socioafetiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Encorajar-se	Socioafetiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.
Diminuir ansiedade	Socioafetiva	Marcos, Ana, Paula, Maria e Diana.

Fonte: Elaborada pelas autoras (2016)

É notório que os entrevistados se utilizam de várias estratégias para desenvolver/potencializar seu aprendizado. Foi feito uso das estratégias cognitivas, metacognitivas e socioafetivas, como demonstrado no quadro acima. Podemos perceber a recorrência de uso das mesmas estratégias, o que provoca a pensar que o uso dessas estratégias pode estar relacionado com o sucesso do aprendiz. Apenas duas estratégias não foram utilizadas por todos: dramatizar vocabulário e relacionar imagens a palavras. Isto nos remete ao fato de que cada pessoa possui as suas especificidades e desenvolve as estratégias da maneira que mais se adequa ao seu aprendizado. Também é perceptível que para um efetivo aprendizado de línguas, o estudante não pode se ater a apenas uma ou duas estratégias, é imprescindível o uso de variadas formas para que a fluência de fato aconteça.

Acredita-se que esses fatores podem facilitar o aprendizado de outros estudantes de línguas. A forma de aprendizado pode ser bastante singular para cada indivíduo, mas há fatores que são cruciais na aprendizagem. A partir das pesquisas deste trabalho, fica perceptível que, ao

fazer uso periódico e organizado das estratégias de aprendizagem, é possível maior evolução na proficiência e conhecimento em línguas estrangeiras. As estratégias, juntamente com outros fatores como motivação e autonomia criam uma autossuficiência que dá liberdade ao indivíduo para gerir seus estudos e, com isto, maior prazer e vontade de aprender.

Conclui-se que não existe uma fórmula mágica de aprendizado, mas que alguns fatores são importantes para sua efetivação (autonomia, motivação, uso de estratégias como cognitiva, metacognitiva e socioafetiva). Portanto, faz-se necessário que o estudante de línguas tenha acesso não apenas ao conhecimento da língua em si, mas também às estratégias que podem ajudá-los a compreender com mais eficácia e rapidez. Assim, se aprendiz e professor têm conhecimento que existem estratégias que facilitam a aprendizagem, essas estratégias poderão ser mais amplamente utilizadas para concretizar o ensino e aprendizagem de línguas independente do método ou abordagem utilizado para ensinar e aprender.

Considerações Finais

A LI se tornou uma língua internacional, uma língua de destaque, a qual, além de ser admirada por muitos, tornou-se uma necessidade. Nesse sentido, sabe-se que seu ensino e aprendizado é indispensável, apesar das crenças e complexidades que os envolvem.

Através deste estudo pôde-se constatar a importância dos processos relacionados à aprendizagem de línguas estrangeiras, tanto no contexto formal quanto no contexto informal. Desta forma, podemos nos atentar para os aspectos mais relevantes e, então, inspirar outros estudantes a terem sucesso em seus respectivos aprendizados.

Este trabalho revelou que a motivação é um elemento decisivo no processo de aprender e, sem esta, o aprendizado pode não acontecer ou ser um processo demorado. Além da autonomia, que é parte da aprendizagem bem sucedida, outro fator importante trata-se das estratégias de aprendizagem atreladas aos materiais e recursos didáticos, que facilitam o processo de aprender.

Por meio das entrevistas, pôde-se fazer uma melhor reflexão e análise sobre os aspectos relevantes que estão relacionados à aprendizagem, identificá-los e, posteriormente, analisá-los, visando detectar os aspectos mais importantes nessa caminhada de conquista de uma nova língua, para que, de alguma forma, facilite o aprendizado de outros estudantes.

Foi averiguado que a autonomia é também um dos principais elementos que influenciam a aprendizagem da LI e que esta pode melhorar o desempenho do aprendiz consideravelmente. Sabe-se que um aluno que é totalmente dependente do professor terá mais dificuldades no aprendizado e alcançará mais lentamente a fluência, uma vez que, agindo assim, o aprendiz

normalmente não irá se auto avaliar, nem analisar o que precisa melhorar e desenvolver em seu aprendizado.

As estratégias possuem sua relevância no ensino e aprendizagem de línguas, tendo em vista que, através destas, os estudantes podem auxiliar a melhorar e acelerar a sua aprendizagem, ajudando também na autonomia dos mesmos. O uso das estratégias está intimamente ligado ao sucesso ou insucesso do aprendiz, já que quanto mais e melhor fizer uso das estratégias, provavelmente, mais bem sucedido será o aprendiz.

Referências

- ALMEIDA, Fabiana Vanessa Achy de; BRAWERMAN-ALBINI, Andressa. As percepções de professores de língua inglesa em formação sobre estratégias aplicadas ao ensino e aprendizagem. *Revista EntreLínguas*, v. 5, n. 1, p. 178-194, 2019.
- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. *Dimensões Comunicativas no ensino de línguas*. 3ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2010.
- DICKINSON, L. Learner Autonomy: What, why and how. In: LEFFA, V. *Autonomy in Language Learning*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 60ª edição. São Paulo: Paz e terra, 2019.
- KRASHEN, Stephen. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*: English Language Teaching series. London: Prentice- Hall Internacional (UK) Ltd., 1981.
- LIU, J. Methods in the Post-Methods Era. Report in an International on Survey on Language Teaching Methods. *Internacional Journal of Linguistic Studies*, v. 4, n. 1, 2004, p. 137-152.
- MOTA, Katia M. Santos. Narrativas autobiográficas, Percursos de aprendizagem da Língua Estrangeira. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). *Aprendizagem de língua inglesa: Histórias refletidas*. Vitória da conquista: Edições UESB, 2010. 185-199.
- OLIVEIRA, L. A. *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*. São Paulo: Parábola, 2014.
- O'MALLEY, J.; CHAMOT, A. *Learning strategies in second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- OXFORD, L. Rebeca. Relationships between second language learning strategies and language proficiency in the context of learner autonomy and self-regulation. In: *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, n. 38, 1999, pp. 109-126
- RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. *Approaches and methods in language teaching*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- SCHÜTZ, Ricardo. *Como abrir uma escola de inglês?* English Made in Brazil [Online], 2011. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk.html>>. Acesso em: 08 set. 2016.
- CLARABOIA, *Jacarezinho/PR*, n.15, p. 108-129, jan./jun, 2021. ISSN: 2357-9234.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Classificação de estratégias de aprendizagem de línguas: Critérios, abordagens e contrapontos, 2011. UNIGRANRIO. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, n. 36, v. 10, 2011. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/1921/900>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Métodos de ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo, 2008. UNIGRANRIO. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, n. 26, v. 7, 2008. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/43/78>>. Acesso em: 25 set 2016.

Recebido em: 31/1/2020

Aprovado em: 11/3/2020